



MINISTÉRIO DA JUSTIÇA

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

P. 005

PROC.-	005
LIV.-	01
PAG.-	126
REG.-	4039

DE REPENTE UMA ROSA

Autol: OLAVO SILVEIRA MEDEIROS

Carimbo do S. C.

Autuação

Anexos:

Distribuição

M. J. — DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

Ilmo. Sr.

Dr. Romero Lago

DD Diretor do Serviço de Censura de Diversões Públicas
do Dep. Federal de Segurança Pública

"PRÓLOGO" - Conjunto Teatral, constituído de jovens residentes no acampamento da Cia. Construtora Nacional nesta capital, desejoso de encenar a peça "De repente, uma rosa" de autoria de um dos componentes do grupo, cuja renda se reverterá em benefício a "campanha do natal da criança pobre" de Vila Planalto vem mui respeitosamente, submeter à apreciação de V. Sa. a peça = supra citada. Para tanto, junta uma cópia do texto, requerendo de V.Sa. a expedição do competente alvará de licença para encenação da mesma nos dias 13 e 14 de dezembro próximo, no Auditório da Escola Parque, por designação da Secretaria de Educação e Cultura .

Têrmos em que

E. Deferimento.

Brasília, 29 de novembro de 1966

Olavo S. Medeiros
p/ "PRÓLOGO" - Conjunto Teatral

Olavo Silveira Medeiros

SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS	
Protocolo nº	4676
Data	29 11 1966
Interessado	Olavo S. Medeiros
Por	<i>[Assinatura]</i>

RECEBI O PROGRAMA ANEXO		
Em	de	de 19

Do censor Carlos Rodri-
gues, para exame e
parecer, indicando, se
julgar conveniente, a
hora para ensaio ge-
ral, dia 14.12.66

Em 29.11.66

Alfredo
(Ch. T. Censura Teatros e Cong)

IMPRÓPRIO
ATE ANOS
10

Marcos Augusto Gomes
dia 17/12/66
as 15 horas
RF

Emita-se o certi-
ficado com a restri-
ção etária acima es-
tabelecida.

Em 2/12/66

Alfredo
(Ch. T. Censura Teatros e Cong)

Segue da forma: fei-
tas as substituições às 7/5 4
e 5 deste, emita-se certi-
ficado sem restrições de idade.
Em 8.12.66 - *Alfredo*

- DE REPENTE UMA ROSA -
 =====
 =====

Peça musical em 2 atos
 de
 OLAVO SILVEIRA MEDEIROS

Parasifoneo
 21-10-66
 — 10 ANOS —

ÉPOCA - Atual (moderna)
 CENÁRIO - A critério do diretor
 MÚSICAS - ~~A~~ Garôta de Ioanema, Algodão, Agurela do Brasil, ^{A Banda} ~~(A Banda)~~,
 O Menino das laranjas, O Neguinho e a Senhorita, Terra Sê-
 ca e uma batucada afro-brasileira.

OBS.: - Excetuando-se "O Neguinho e a Senhorita", as músicas
 podem ser outras, a critério do Diretor, desde que =
 sejam brasileiras.

PERSONAGENS - 4 Narradores (N-1, N-2, N-3 e N-4)
 CARLINHOS - bailarino e compositor
 CLÁUDIO -)
 CLOVES -)
 VERA -)
 CÉLIA -) bailarinos de espetáculos musicais
 TÂNIA -)
 MAURO -)
 LÚCIA -) - moça de sociedade

* * * * *

1º A T O

CENA I - Os 4 narradores

N-1 - (DB) Amores célebre!

N-2 - (EB) Marquiza de Santos!

N-3 - (EA) Marília de Dirceu!

N-4 - (DA) Diacuí!

N-2 - Amores sempre existiram. Em tôdas as épocas e de tôdas as for-
 mas. Aliás, êste mundo é um amor... Amor de mãe por seu filho =
 querido. Amor de Cristo morrendo na cruz por nós. Nosso amor pe-
 la terra natal.

N-1 - A história da humanidade está cheia de casos amorosos. Desde =
 Adão e Eva, se foloarmos aquêles livros que estão empoeirando =
 nas bibliotecas, encontraremos os mais variados tipos de amor.
 Uns dramáticos, outros alegres e alguns até cômicos.

N-3 - Se dermos um pulo ao passado brasileiro, encontraremos vários =
 personagens mestiços que nada mais são do que o resultado do =
 amor entre brancos e prêtos, apesar da existência da existência
 vergonhosa da escravidão negra.

- N-4 - Século XX. Brasil sem preconceitos raciais. Hoje o branco de nos sa bandeira tem seu verdadeiro significado e o Cruzeiro do Sul = nos abençoa agradecendo a Lei Áurea. Damos graças aos céus por = vivermos nesta época. Época do jacto! Dos foguetes à lua! Da te= levisão! De Pelé De Brasília!
- N-1 - É nesta época que vamos encontrar mais um amor célebre. Vejamos..
(SAEM OS QUATRO)

CENA II - Carlinhos, Cláudio, Cloves, Vera, Cé= lia e Tânia.

Bailado afro-brasileiro. A certa altura do bailado Carlinhos adi anta-se sozinho para o prcênio. Lúcia, sentada na primeira fila da pla= téia, atira-lhe uma rosa vermelha. Carlinhos surpreso, para de repente. Ajoelha-se com uma perna, apanha a rosa e a acaricia. Fita Lúcia por al= gum momentos. Voltando a si, levanta-se rápido. Põe a rosa no cós da tan= ga e continua o bailado. Durante esta cena de Carlinhos com a rosa, a mu= sica não pára e os demais continuam dançando.

CENA III - Lúcia, Carlinhos, depois Cloves e G = Cláudio.

Terminado o bailado, enquanto os bailarinos vão saindo, Lúcia = corre para Carlinhos e lhe pede um autógrafo. Este, surpreso, dá o autó= grafo. Os dois fazem gestos de quem conversam combinando alguma coisa.= Carlinhos sai correndo para o camararia. Lúcia passeando pelo palco espe= rra-o. Após pequena demora Carlinhos volta. Veste calça esporte, camisa= de malha de listras brancas e vermelhas, sapatos sem meias, japonsa às = costas. Lúcia deverá estar vestida elegantemente, pois pertence à alta sociedade.

Carlinhos - (entrando) Desculpe a demora.

Lúcia - - Não foi nada.

Carlinhos - E, então, gostou do espetáculo?

Lúcia - -Muito!... como sempre...

Carlinhos - Como sempre?!...

Lúcia - - (acanhada) É... quero dizer... (olha para Carlinhos, rir = acanhada e depois baixa a vista) Não sei explicar... É que gosto muito de música e dança...

Carlinhos - (cheirando a rosa que Lúcia lhe havia jogado durante o bai= lado) Ah!...

Lúcia - - Ainda está com a rosa? Gosta de flores?

Carlinhos - Bastante... principalmente quando é dada por uma criatura = tão encantadora!...

Lúcia - - Galante!...

Carlinhos - Não. Sincero...

Lúcia - - Você deve ser um grande conquistador...

Carlinhos - Não. Pelo contrário. Não tenho namorada. Não me sobra tempo = Todas as noites estou aqui no teatro. Quando não há espetá= culos há ensaio. E como ganho pouco tenho que trabalhar du= rante o dia numa oficina mecânica. Além de mim, tenho que = sustentar minha mãe que já está velha e doente.

Lúcia - - Mas... E as coleguinhas do teatro?

Carlinhos - São colegas, como são os colegas da oficina.

Lúcia - - Verdade?...

Carlinhos - Verdade. Desculpe-me, mas, ainda não perguntei seu nome...

Lúcia - - Lúcia Guimarães.

- Carlinhos - Carlos Nunes. Carlinhos, para os amigos.
- Lúcia - - Bem, está ficando tarde, preciso ir senão haverá bronca em casa.
- Carlinhos - Está sòzinha?
- Lúcia - - (confirma com a cabeça)
- Carlinhos - Não tem medo?
- Lúcia - - Não. Tenho confiança em mim. A moça só corre risco quando não sabe se comportar.
- Cloves - - (passando com Cláudio) Vai agora, Carlinhos?
- Carlinhos - Vão indo que os acompanho já.
- Cloves - - (levanta o polegar no gesto característico de "tudo certo")
- Carlinhos - (para Lúcia) Moramos juntos. São bons amigos. O que falou comigo chama-se Cloves. O outro, Cláudio.
- Lúcia - - (em tom de brincadeira) O trio "C"...
- Carlinhos - Coincidência apenas.
- Lúcia - - Vai sair agora?
- Carlinhos - Acompanho-a até lá fóra.
(SAEM)

CENA IV - Cláudio, Cloves, depois Carlinhos.

Quarto onde moram os três amigos. Cloves e Cláudio, sentados, lêem jornal e revista saboreando um aperitivo. Carlinhos entra agsobiando alegre. Os outros dois se entreolham. Carlinhos joga a japona em cima de uma cadeira, pega um copo, põe bebida e toma um gole.

OBS.:- A cena acima se desenrola na sala do apartamento dos três e não no quarto.

- Carlinhos - Caramba!... (teatral) Encontrei a rainha do Rei Salomão!...- (os dois olham-no admirados e zombeteiros)
- Cloves - - (para Cláudio) O que deu nêle?
- Carlinhos - (fingindo não ouvir) Estou mau!... Vocês é que estão bem... Aliás... antes de mais nada quero apresentar para vocês o Dr. Carlos Nunes!... O maior fazendeiro de Mato Grosso e dono da maior rede frigorífica da América do Sul!...
- Cláudio - - (fazendo reverência) Muito prazer, Dr... "Rei das Vacas"... (os três riem)
- Cloves - - Bem... depois destas apresentações... qual é o "papo"?
- Carlinhos - Vocês são burros, hein?!...
- Cláudio - - Já sei. A "zinha" pôs "banca" de "granfa", cheia do "tufo" filha de fazendeiro-industrial.
- Carlinhos - Isso mesmo.
- Cloves - - Agora temos um japonês rico na família...
- Cláudio - - Como assim?
- Cloves - - (apontando para Carlinhos) "Tá c'o tufo". (riem)
- Carlinhos - Falando sério, o "azar" é metido a gente bem. Levou-me até o carro e lá ficamos conversando bastante tempo. É metida a moralista e tive que me contentar só com um beijinho na mão na despedida. Não sabe eja que estou "sarado". Vigarista comigo não tem vez. Da próxima vou entrar com bola e "tudo"...

Cláudio - - Marcaram encontro?

Carlinhos - Amanhã na porta do teatro, após o espetáculo.

Cloves - - O negrinho compositor-bailarino e o "azar" granfino'...Um bom argumento para um samba...

Carlinhos - Deixa isso prá lá... Agora vou dormir. Preciso encontrar amanhã cedo o Jairo Lima. Ele prometeu gravar o meu samba

Cláudio - - Mais um vigerista. Há quanto tempo ele te "enrola" com isso?!...

Carlinhos - Paciência... Que vou fazer? A primeira vez é assim mesmo. Tem-se que adular um e outro. Mas, "hei de vencer"!

Cloves - -- Bonita frase... "Hei de vencer"!.. Digna de uma parede de privada. *sanitário*

Carlinhos - Não seja bôbo. Todos nós devemos ter um ideal na vida e por ele lutar até o fim. Só os fracos esmorecem com uma simples dificuldade. Quanto mais difícil a batalha, maior valor tem a vitória.

Cláudio - - Mas, há tanto tempo que lutamos e não passamos de simples bailarinos de cachês baratos.

Carlinhos - Nossa oportunidade chegará. O importante é não esmorecermos. Continuemos nos aperfeiçoando. Meu samba fará sucesso e, então, teremos dinheiro para montar um espetáculo - nosso. Nossos nomes brilharão nas faixadas dos teatros!...

Cloves - - Também penso assim. Mas, há três anos que lutamos e até - agora nada.

Carlinhos - E que são três anos? Outros têm lutado muito mais.

Cláudio - - Bem... o "papo" está bom, mas vou dormir. Boa noite, Romeu prêto. Sonhe com a sua Julieta... (sai)

Carlinhos - Vou sonhar com a minha Branca de Neve... (sai)

Cloves- - - Cuidado para não cair da cama. (apaga a luz e sai)

CENA V - Os mesmos bailarinos do 1º bailado.

Bailado. Música: "Terra Sêca" de Ari Barroso.

CENA VI - Lúcia, depois Carlinhos.

Sala do apartamento dos três amigos, vazia. Lúcia entra e enquanto espera Carlinhos, folheia algumas revistas, livros e papéis - diversos.

Carlinhos - (entra, vindo do banheiro. Vem sem roupa, com uma toalha amarrada a cintura e chinelos. Corpo semi-molhado, de quem estava tomando banho. Para surpresa) Você aqui?

Lúcia - - - Vim receber, pessoalmente, o recado que você mandou pelo Cláudio.

Carlinhos - (continuando parado) Por favor, Lúcia, não vamos dramatizar. Pensei bastante e cheguei a esta conclusão. Se mandei o Cláudio falar com você foi unicamente para evitar esta cena.

Lúcia - - - Francamente, Carlinhos, não sei se esta sua atitude é de nobreza ou de orgulho e baixeza. E foi para tirar esta dúvida que vim aqui.

- Carlinhos - (vestindo a calça por baixo da toalha.) Nem uma coisa nem -
outra. Sou apenas realista.
- Lúcia - - - Realista por quê?
- Carlinhos - Lúcia, tente entender... (mostrando a pele) Olhe, sou prê-
to e pobre, você é branca e rica. Isto é aventura! É sonho!
Quando voce acordar irá se envergonhar de mim... Seus pais
e amigos nunca me aceitarão como seu esposo.
- Lúcia - - - Aventura... Sonho... Pais... Amigos... Que vão todos para
o inferno! Eu gosto de você e o resto não interessa... Se-
rá que depois de 11 meses de nos conhecermos ainda não con-
segui mostrar-lhe isto? *sebianos da...*
- Carlinhos - Do seu amor não tenho inveja. No principio julguei que voc
o fosse uma rigarista querendo se divertir comigo e deij
xei-me levar pela "pare". Mas, depois tudo mudou. Quando -
"abri os olhos" estávamos enamorados. O que quero é evitar
de fazê-la sofrer futuramente.
- Lúcia - - - Quer evitar que eu sofra futuramente e está me fazendo so-
frer agora.
- Carlinhos - Com os seus predicados é fácil arranjar outro de seu meio
e logo me esquecerá.
- Lúcia - - - Se você acha tão fácil eu arranjar outro e o esquecer, por
que não acha fácil, também, o nosso casamento?
- Carlinhos - Nosso caso é diferente.
- Lúcia - - - Não é diferente. Há três dias, quando disse-lhe que era -
preciso voce falar com meus pais, já havia combinado tudo
com eles. Você prometeu ir hoje. Estávamos a sua espera -
quando o Claudio telefonou-me. Fiquei desesperada e vim -
ate aqui. Não, querido. Não é assim que se faz...
- Carlinhos - Não tive coragem de falar pessoalmente com você.
- Lúcia - - - Não seja covarde. Você é homem! A cor ~~maravilha~~ não importa.
O que significa o homem não é a cor da pele e sim o carater.
Nesses 11 meses não fiz outra coisa senão estudar o seu ca-
rater. Você é honesto, é trabalhador e tem bons principios
e isto é tudo para o homem! O resto é hipocrisia barata, -
não mais cabível em nossa época. Preconceito é ignorância.
E, graças a Deus, fomos libertos dessa estupidez pelas -
Leis Aurea e Afonso Arinos.
- Carlinhos - Isso só existe em literatura.
- Lúcia - - - Não! Só os que têm memória retardada não aceitam a igualda-
de de raças. No principio meus pais se opunham, não nego.
Fiz-lhes ver tudo isso e hoje eles estão de acordo. Lutei
sozinha, sem voce saber, com receio de magoá-lo. Digo-lhe
mais: eles já o conhecem. Foram ontem ao teatro para vê-lo
e hoje estavam a sua espera. Veja, querido, todos os obstá-
culos ja foram vencidos.
- Carlinhos - (convidado) Minha querida...
(os dois se abraçam)

2ª ATOCENA I - N-1 e N-3

- N-3 - O amor venceu o preconceito. Uma jovem, que é um hino de amor, ternura e compreensão, desprezou o luxo e a super sociedade e tornou-se mais nobre ainda. Esse preconceito idiota, que muitos têm receio de professá-lo, mas o sentem no íntimo, foi vencido pelo amor puro e sem escrúpulos.
- N-1 - Seis meses de casados. Seis meses de lutas, compreensão e amor. Os frutos de tudo isto já começam brotar... Carlinhos conseguiu gravar suas músicas e hoje são sucessos. Seu sonho de montar um espetáculo musical, com Cláudio e Cloves, agora é realidade. Vamos ver como podemos ser felizes trabalhando e vivendo honestamente.

CENA II - Carlinhos, Vera, depois Lúcia.

Teatro. Preparativos para a estréia do espetáculo dos 3 amigos Carlinhos sentado numa cadeira, à E.B., semi de costas para o público. Compe uma música, ao som de violão. Vários papéis amassados atirados ao chão pelo mesmo.

Vera escova os cabelos sentada, à D.A., numa cadeira.

Mais duas cadeiras no palco: uma ao lado de Vera com os objetos para pentear os seus cabelos; outra à frente de Carlinhos servindo de mesa para este escrever.

Lúcia - - (entrando) Demorei?

Carlinhos - Não. Mais ou menos.

Lúcia - - Mamãe mandou um abraço. Está sentida por que já faz uma semana que você não vai visitá-la.

Carlinhos - Não disse-lhe que tenho estado muito ocupado com a preparação do espetáculo?

Lúcia - - Disse, sim. Mas, ela não se conforma com você trabalhar tanto e ser tão preocupado. Ela gostaria de vê-lo trabalhando com papai e viver mais sossegado.

Carlinhos - Isso ela já sabe que não posso fazer. Temos que vencer com nossos próprios esforços.

Lúcia - - Papai adora essa sua opinião. Mamãe, porém, diz que você está fora de época.

Carlinhos - (dar de ombros)

Vera - - (para Lúcia) Puxa as orelhas dêle.

Lúcia - - Por quê?

Vera - - Não foi almoçar até agora.

Lúcia - - Outra vez, Carrel? (passa-lhe a mão na cabeça)

Carlinhos - (para Vera) Linguaruda!...

Vera - - (franse o nariz para Carlinhos)

Carlinhos - (para Lúcia) Não tive tempo. E, também, não estou com fome.

Lúcia - - Carrel, você precisa se alimentar. Vamos ao bar tomar um lanche.

- Carlinhos - Tem que ser agora?
- Lúcia - - - E por que não?
- Carlinhos - Vamos, Vera?
- Vera - - - É sempre um prazer acompanhar o patrão e sua belíssima esposa!...
- Lúcia - - - (pegando a saia, faz reverência para Vera)
- Carlinhos - Como estou importante! (apontando para Vera) Patrão de uma coisa tão maravilhosa como esta!... (os três riam)
- Vera - - - (pegando os apetrechos de pentear cabelos) Um momento. Vou guardar isso no camarim. (vai saindo com andar bamboleante)
- Carlinhos - (olhando-a) Vera! Um momento. (Vera para. Carlinhos apontando um lugar qualquer do palco) Anda até ali. (Vera anda sempre bamboleando) Dá uma volta... (Carlinhos pega o violão e dá a introdução do samba "Garota de Ipanema", de Tom Jobim e Vinicius de Moraes. Para um pouco e, com o olhar fixo em Vera, fica como que sonhando. Ouve-se a música citada e Vera começa a dançar. Carlinhos continua "sonhando". Deve dar a impressão que a cena de Vera dançando se desenrola em sua imaginação. Lúcia observa. Terminada a música) Consegui!...
- Lúcia - - - (admirada) O quê?
- Carlinhos - Ouça... (toca - só violão - e escreve a música citada) Obrigado, Vera. Você, além de grande bailarina, inspirou-me a compor este samba.
- Vera - - - (moia seu jeito) Você me confunde toda...
- Lúcia - - - Você é formidável, Carrel!...
- Carlinhos - Vamos lanchar. Estou com uma fome!...
- Vera - - - (saindo para guardar os objetos) Pudera!... (os dois se preparam para saírem) (entrado) Vamos? (Carlinhos põe as mãos sobre os ombros de ambas. SAEM F.D.)

CENA III - Cláudio.

- Cláudio - - (entra F.E. Traz uma pasta de cartolina contendo papéis de contratos dos artistas. Olha para os lados a procura de alguém. Põe a pasta em cima de uma cadeira. Dirige-se para o lado dos camarins e chama) Carlinhos!... (mais alto) Carlinhos!... Vera!... (assobia) Não há ninguém?... Sairam e deixaram a porta do teatro aberta... Oh! gente descuidada!... (pega o papel que Carlinhos escreveu o samba e lê. Será mais um samba dele? A letra é sugestiva. Se a música for bonita será mais um sucesso. (torna a lê)

CENA IV - O mesmo, Carlinhos, Lúcia e Vera.

- Carlinhos - (entrando com Lúcia e Vera) Curioso!...

Fl.8

- Cláudio - - (virando-se para as três) ^{Pensei} Pensei ^{haviam} que haviam saído. Chamei e ninguém respondeu.
- Lúcia - - - Fomos ao bar tomar um lanche.
- Cláudio - - (mostrando o papel) Que é isto?
- Carlinhos - Advinha...
- Cláudio - - A letra de um samba.
(Carlinhos confirma com a cabeça)
Gostei. Como é a música?
- Carlinhos - Depois...
- Cláudio - - (para Lúcia) Esteve com seus pais? Como estão?
- Lúcia - - - Estão bem, obrigada. Mamãe mandou-me lhe agradecer os chocolates e enviou um abraço para toda a turma.
- Cláudio - - Obrigado.
- Carlinhos - Como é, resolveu todos os negócios?
- Cláudio - - Todos. Como sempre, o "papai" aqui resolve tudo!...
- Vera - - - (pihxiando) Fanfarrão!...
- Cláudio - - (mostra a ponta da língua para Vera, que vira o rosto)
- Carlinhos - Não, o rapaz é 100%...
- Cláudio - - (mostrando os papéis) Aqui estão todos os contratos.
- Carlinhos - (examinando os papéis) Muito bem.
- Cláudio - - Encontrei o Jairo Lima. Está magoado por não ter sido convidado para cantar.
- Carlinhos - Corado! Antes, ^{acreditou em mim} ele não acreditou em mim. Me "enrolou" e não gravou minhas músicas. Agora acha que deveria ser convidado para ~~me~~ cantar.
- Cláudio - - Falei isto ^{para} para ele.
- Carlinhos - É lógico que o Ed Carlos merece a nossa preferência. Ele não só gravou, como também trabalhou junto as Rádios para que elas fossem bastante tocadas.
- Vera - - - Vamos começar arrumar o palco agora ou esperamos pelos outros?
- Carlinhos - Vamos esperar. Não deve demorar.
- Lúcia - - - Estão chegando.

GENA V - Os Mendos, Mauro e Célia

- Mauro - - - (entrando com Célia) Estamos atrasados?
- Carlinhos - Não. Estão no horário. Os outros não vieram?
- Mauro - - - Foram ao bar tomar café.
- Carlinhos - Vamos, então, começar o ensaio.
- Lúcia - - - Carrel, será possível me dispensar hoje? Estou com uma dor de cabeça terrível!
- Carlinhos - Mas, hoje é o último ensaio. Amanhã é a nossa estréia.
- Lúcia - - - Minha cabeça está doendo tanto... Não conseguirei ensaiar direito. Amanhã, pela manhã, ^{ensaiaremos} ensaiaremos. "Tá"?
- Carlinhos - Está bem. Mas, não sei se teremos tempo. ^{Vá} Vá, então, descansar um pouco no banheiro.
- (Vera sai)
(Lúcia sai)
Vera vá se preparar para o bailado do vendedor de lajanjas

- Cláudio - - (olhando para fóra) Os outros estão chegando.
 Carlinhos - Fala para irem se preparar logo.
 Cláudio - - (falando para fóra) Vão diretamente para os camarins. O en-
 saio já vai começar.
 Carlinhos - Bem, agora podemos começar. (falando para os camarins) Está
 pronta, Vera?
 Vera - - - (de dentro) Estou. Pode pôr a música.
 Carlinhos - (para Mauro) Quando a Vera terminar o bailado troque o ce-
 nário que vamos nos preparar. (para os outros) Vamos. (vão
 a sair) Mauro, ponha a música, por favor.
 (saem)

CENA VI - Mauro, depois Vera.

Mauro vai até à radiola e põe a música "Memino das laran-
 jas", de Theo. Vera, fantasiada de garoto vendedor de laranjas, entra-
 dançando. Durante o bailado Mauro observa sentado numa cadeira e acom-
 panha o ritmo com gestos de mãos, pés e cabeça sem fazer barulho. Ter-
 minado o bailado Mauro levanta-se e desliga a radiola. Troca o cenário
 Retira-se.

"A BANDA" de Chico Buarque de Holanda.

CENA VII - Carlinhos, Cláudio, Cloves, Célia=
 Bailado. Música ("Amor de Éden" e "Inicium de Amor").
~~Teoria: perdedores.~~

- Carlinhos-- (terminado o bailado) Cláudio, quando terminar o ensaio =
 dispense o pessoal. Avise para chegarem cedo amanhã afim =
 de evitar correrias de última hora. Dia de estreia é sem =
 pre agitado.
 Cláudio - - Vai sair?
 Carlinhos - Sim. Lúcia não está passando bem. Vou aproveitar para apa-
 nhar meu terno no alfaiate.
 Célia - - - Está luxando, hein?!...
 Carlinhos - "Bidas"!... Amanhã, após o espetáculo iremos comemorar. Afi-
 nal, o nosso grande sonho foi realizado!
 Cloves - -- Parece mentira... E eu cheguei a ter vontade de abandonar-
 tudo e procurar outra profissão...
 Cláudio = - Devemos tudo isso ao Carlinhos. Foi sempre entusiasmado e
 nos incentivou nas horas de indecisões.
 Carlinhos - Lutamos juntos. Não poderia vencer sozinho, Vocês tiveram=
 bastante influência em minha vida. Bem, até amanhã. (sai)
 Todos - - - Até amanhã.
 Cláudio - - Vamos preparar o cenário para o outro número.
 (todos fazem a decoração para o bailado "Algodão". Deverá =
 ser feita à vista do público)
 Por favor, Célia, dê-me os pregos o martelo.
 Célia - - - Onde estão?
 Cláudio - - Ali. (aponta)
 (terminada a decoração, grita para os bastidores) Música, =
 maestro! (para os outros) Vamos trocar de roupa.
 (SAEM)

CENA VIII - Mauro e outros bailarinos.

Bailado. Música: "Algodão" de Luiz Gonzaga e Zé dantas. Todos
 os bailarinos estão fantasiados de apanhadores de algodão. Cena nordestina.

CENA IX - Cláudio, Cloves, depois Vera, Célia e Tânia

- Cláudio - - (entrando com Cloves) Vamos arrumar o palco enquanto o pessoal troca de roupa.
(Tiram o cenário)
- Célia - - - (entrando com Vera e Tânia) Vamos pessoal?
- Cláudio - - E os outros?
- Célia - - - Sairam pela porta dos fundos.
- Cloves - - - (terminada a arrumação) Vamos.
- Tânia - - - Quem vai pagar o caldo de cana?
- Célia - - - É a Vera.
- Vera - - - Novamente? Paguei ontem.
- Cláudio - - (apontando para Cloves) É o nosso amigo "pão duro".
- Cloves - - - "Pão duro", nada. Vocês é que tomam mais no meu dia de pagar.
- Tânia - - - Chorão!...
- SAEM F.
- A luz apaga para dar a impressão do dia seguinte.

CENA X - Vera, Lúcia, Cláudio e Carlinhos.

Dia da estréia do espetáculo. Fica a critério do Diretor a encenação deste quadro.

- VERA - - - Verde é esperança... São as matas de riquezas mil. É a lavoura que sacia nossa fome. É o periquito prégio na gaiola. Verde é o campo de futebol que empolga multidões... Verde... Verde... "Verdes... mares bravios da minha terra natal, onde canta a jandaia na fronde da cernaúba"...
- Lúcia - - - Ouro! Dinheiro! Riqueza! Ambição! Avaréza! Desespêso!... - Amarelo... é o sol nascente, derramando sua vasta cabeleira loira sobre os campos verdejantes...
É o fogo que queima e destrói!
É a aliança simbolizando a união de dois corações enmemorados...
A poeira, em redemoinhos, erguendo os braços aos céus numa prece...
Amarelo são os cabelos esvoassantes da garôta bela que passa murmurando uma canção de amor ao som da brisa refrescante.
São as riquezas da natureza.
É a camisa da C.B.D.
São os nossos sonhos dourados!...
- Cláudio - - Céu... Mar... Infinito...
Céu... Mar... Infinito...
Azul simboliza a harmonia entre as raças.
São os olhos da minha amada...
- Carlinhos - Branco é a pureza de nossos corações. A luz branca das avenidas. A Hóstia imaculada do altar.
Cascatas que se espreguiçam nos rochedos...
Branco... lua passeando no firmamento...
A cabeça da vovó, preteada pelo orvalho dos anos.
O vestido da noiva.
Areia das praias ensolaradas.
Fumaça de chaminés.
O Cruzeiro do Sul que nos sorriu... → É a paz de nossos espíritos...

Vera - - - (gritando) Verde!
 Lúcia - - - (idem) Amarelo!
 Cláudio - - (idem) Azul!
 Carlinhos - (idem) Branco8
 Vera- - - - (idem) Verde!
 Lúcia - - - (idem) Amarelo!
 Cláudio - - (idem) Azul!
 Carlinhos - (idem) Branco!
TODOS - - - (idem) Isto é o meu Brasil!...

Música "Aquarela do Brasil", de Ari Barroso. Todos dançam.

CENA XI - Todo elenco.

Terminada a música "Aquarela do Brasil" segue-se uma batucada tipo Escola de Samba, enquanto Carlinhos e Lucia saem e entra todo elenco dançando. Após alguns minutos de batucada começa a música "O Neguinhos e a Senhorita", de Noel Rosa de Oliveira e Abelardo Silva. Carlinhos entra, trazendo Lucia pela mão. Toda esta Cena XI é tipo Escola de Samba. Carlinhos e Lucia fazem o "Mestre-Sala", os demais são passistas. A batucada não devera aparecer em cena.

- F I M -

Brasília (DF), 2º semestre de 1966

Varosqueira